

EL NEGRO
(Marcelo Coelho da Silva)

Amanheceu cerrado, escuro.
Vento frio frestas adentro.
O velho galpão é testemunha.
Estrebaria cheia, fartos pastos,
Muitas são as intenções, poucas as certezas.
No ventre a razão de tanta inquietude:
“Este será o melhor da estância!”.
De nublado à chuva caminha o dia
E ao chegar da escuridão, a vida.

Mal respira e logo tem de estar em pé
Cambaleante se sustenta, é só o começo.
Ao raiar do dia dá os primeiros passos,
Sente o cheiro do pago onde nasceu
E o gelar dessa terra testa a sua força.
O olhar do patrão sela o destino:
Escuro como a noite,
Uma estrela estampada na testa,
“El Negro” foi batizado.

A vida do potro é dura; a origem, marcada a ferro.
Sorte ser tratado como vencedor.
Mas logo vem o desmame,
O calor materno, não mais sentirá.
Sua alma está nas mãos de um homem
Que, por meio da dor, impõe sua vontade.
O negro se entrega, cansado, machucado,
Foi dobrado pela dita inteligência.

O respeito criado no corte da espora
É sólido e permanente,
De onde não se esperava sequer piedade
Vem o carinho e o trato.
Aquele peão antes carrasco,
Torna-se amigo inseparável, protetor,
Parece querer compensar tanto sofrimento.
Agora, suas vidas estão unidas,
Defendidas nas patas ou
Na ponta da adaga, se preciso for.

Mas quem disse que é fácil a vida do potro?
Seu temperamento é forjado em brasas,
Sabe que seu destino não pertence a ninguém.
A estância nunca tinha visto
Tamanha força e sincronia.
Paleteada, laço e reparte do gado.
Seu peão, já judiado do tempo,
Sequer usa as esporas que tanto lhe cortaram.

Poucos entendem que a relação - peão e potro -
Não mais se desfaz. A confiança é mútua,
O auge não passa de um momento.
Regalo da vida, surpresa da morte.
O estouro do gado é contido com energia,
A galhardia daquele potro negro e seu ginete,
Vê o fim num tropeço na coxilha.
A pata quebrou, uma decisão tem de ser tomada.

El Negro sabe, a dor voltou ainda mais forte.
Quanto vale a vida de um animal?
“Apenas mais um potro desafortunado”
É a fala do patrão. E ao peão,
Deixa a missão de conduzir ao firmamento
Aquele seu irmão de patas.
Nos olhos, a ternura marejada.
Nas mãos, o destino desse companheiro.
A noite cai sem a coragem habitual...

Na testa, a estrela d’Alva anuncia:
A dor se foi, El Negro também.
À mesa do patrão, uma carta, poucas palavras:
“Ao senhor peço desculpas, a Deus
Peço perdão.
Tirei a vida de um irmão de patas
Que mal sabia o quão pouco valia.
Não mais farei doer”.
O peão tomou o rumo da porteira
Levando com ele a esperança do potro negro.

Senhores, ao menos respeito!
Guardemos no peito um tantinho de
Honra e gratidão a quem
Sente dor desde o início.
E quando morre deixa nas mãos do peão
O peso da sua alma benevolente e mansa.

Senhores, por que a morte?
A confiança construída não pode
Perecer de forma tão silente.
A peleja é pela vida, não dominamos o tempo.
Companheiros somos, até o tombo final,
Curtidos da lida e soltos ao vento.